



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁSPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

## **O PAMPA NEGRO: ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA EM PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL**

*LUCIO MENEZES FERREIRA*

*ALUÍSIO GOMES ALVES*

*SARA TEIXEIRA MUNARETTO*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns resultados e perspectivas de trabalho desenvolvidas no projeto “O Pampa Negro: arqueologia da diáspora africana em Pelotas, Rio Grande do Sul. Questionando a falsa imagem identitária do Rio Grande do Sul como essencialmente branco, construída sob perspectivas coloniais, apresentamos nossa pesquisa discutindo três questões gerais: 1) as especificidades das charqueadas pelotenses como modo de produção escravista e suas inserções no sistema Atlântico; 2) a paisagem das charqueadas como dispositivo de controle e vigilância dos escravizados; 3) as especificidades locais da diáspora africana, destacando-se algumas das evidências arqueológicas relevadas por nosso trabalho de campo. Com este projeto, desejamos apostar na necessária articulação das pesquisas acadêmicas com movimentos sociais e outras epistemologias. No Pampa Negro, temos buscado articulações entre arqueologia e arte, religiosidade, movimentos sociais. Esperamos que esse trabalho coletivo, aberto, em construção, seja contribuição para a luta antirracista através da arqueologia e para as resistências necessárias, bem como um aporte à construção de identidade(s) afro latino americanas.

**Palavras-chave:** Arqueologia, diáspora africana, charqueadas.

“A África civiliza a América! (...) Vejo os outros países procurando em parte africanizar-se” (Senador Bernardo Pereira Vasconcelos, 1843)

### **Considerações iniciais**

A imagem identitária mais reificada do Rio Grande do Sul é a do imigrante açoriano, alemão ou italiano. Trata-se da saga do colono europeu, cuja diáspora, sobretudo a partir do século XIX, modelou a paisagem das regiões do Estado, seja da Campanha ou da Serra Gaúcha. O estudo do registro arqueológico desses colonos, mais especificamente, do colono italiano de Caxias do Sul, já foi relativamente estudado



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

(Reis et. al., 2009). Esfacela-se, com trabalhos dessa cepa, a imagem do imigrante heroico e desbravador. Contudo, uma imagem, mesmo esfacelada, pode ser recomposta. A do gaúcho com ascendência europeia é laborada reiteradamente, desde o século XIX, como emblema oficial da identidade gaúcha (Maestri 1994). Identidades culturais oficiais, normalmente, erigem-se sobre os escombros de outras histórias. Nesse caso, sobre as histórias de escravizadas e escravizados africanos e crioulos que, notadamente, desde o final do século XVIII, viveram no Rio Grande do Sul.

A imagem do Rio Grande do Sul como essencialmente “branco” não se forjou, apenas, na bigorna da historiografia gaúcha. Tal é sua força eugênica que ela se impregna onde menos suporíamos encontrá-la. Em obra dedicada a rastrear minuciosamente as relações históricas entre a África e o Brasil, com destaque especial para a “contribuição africana” à história cultural e econômica do país, José Honório Rodrigues asseverou que o “Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina são áreas de predominante influência imigratória branca” (Rodrigues 1961:74). Esses seriam os Estados “menos negros do Brasil” (Rodrigues 1961:77). Entretanto, desde os anos 1980, com a obra inaugural de Mário Maestri (1984), dispomos de uma considerável historiografia sobre a escravidão no Rio Grande do Sul (para um balanço geral, cf. Xavier, 2007).

Pinta-se, assim, outro quadro: o que representa a imagem da diáspora africana no Rio Grande do Sul. Exatamente aqui insere-se nosso projeto intitulado *O Pampa Negro: arqueologia da diáspora africana em Pelotas, Rio Grande do Sul*. Apresentaremos alguns dos resultados de nosso projeto, discutindo três questões gerais: 1) as especificidades das charqueadas pelotenses como modo de produção escravista e suas inserções no sistema Atlântico; 2) a paisagem das charqueadas como dispositivo de controle e vigilância dos escravizados; 3) as especificidades locais da diáspora africana, destacando-se algumas das evidências arqueológicas relevadas por nosso trabalho de campo.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

## As Charqueadas no Sistema Atlântico

Três poderosas forças históricas constituíram a modernidade: escravidão, liberalismo e capitalismo. Essa discussão, como sabemos, foi inaugurada por Karl Marx, e já é lugar comum entre historiadores (Williams [1947] 2012; Johnson 2013), especialmente para os que pesquisam contextos latino-americanos (Grandin 2014). Na antropologia, a discussão data do final dos anos 1960 (cf. Mintz 1985: 20-25); na arqueologia histórica, é inegável que a emergência e projeção da área, a partir dos anos 1970, se deu por meio de estudos sobre modernidade e capitalismo, com foco muitas vezes direcionado à escravidão e aos sistemas de trabalho nas *plantations* (Leone e Porter 1999; Leone e Knauf 2015).

A arqueologia da diáspora africana não privilegia, com raras exceções (cf. p. ex: Gomes Coelho 2017), essa escala de análise. Em nosso projeto, pontuamos que a escravização de africanos e afrodescendentes, ao lado da articulação comercial via mundo Atlântico, proporcionaram o acúmulo de fortunas em Pelotas. Como sistemas produtivos, as charqueadas atendiam a uma demanda central do mundo Atlântico: a carne salgada. Ela era fundamental para o consumo da população em geral; é sabido que muitas rebeliões populares e greves, como na Bahia, se iniciaram por falta de carne no mercado (Graham 2013: 224-226). Era imprescindível, também, para uma classe trabalhadora que foi motriz da economia global: os marinheiros (Linebaugh e Rediker 2008). Finalmente, ela integrava parte da dieta de escravizados em toda a América. Daí o charque ser exportado para os principais portos do mundo Atlântico, incluindo-se Estados Unidos, Caribe, Europa e, obviamente, o Brasil. Mais especificamente, o charque atendia às economias regionais do Brasil, e, além do charque, seus derivados, como couro e lã, remetiam-se para portos internacionais.

A riqueza extraída do charque, ou melhor dizendo, do trabalho escravo, permitiu a construção de sedes ostentosas nas charqueadas, algumas delas sobrados.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Possibilitou, também, a urbanização da cidade em moldes igualmente faustosos (cujo centro histórico, recentemente, foi tombado pelo IPHAN) e a centralização do poder político por meio das relações de compadrio estabelecidas pelos donos das charqueadas. Influuiu na ideologia liberal do gaúcho como rude, mas autêntico em sua indômita liberdade e aristocrática civilidade. A beleza do casario de Pelotas e das sedes das charqueadas foi reconhecida no século XIX, tanto pelo Conde d'Eu, quanto por Arsène Isabelle, além de ter sido ironizada por Machado de Assis! Ora, como arqueólogos, sabemos que a beleza arquitetônica é artifício para internalizar regras de comportamento; sua ostentação estética procura intimidar pela grandeza.

### **A Paisagem como Dispositivo de Controle**

Esse foi o caso, obviamente, das sedes das charqueadas pelotenses. Porém, há mais. Suas posições no espaço organizavam uma topografia da vigilância que abarcava o cotidiano de trabalho e o das senzalas. O comerciante francês Nicolau Dreys, numa sentença que poderia ilustrar o sistema disciplinar de Foucault, afirmou: “uma charqueada bem administrada é um sistema penitenciário” (Dreys [1839] 1990: 99). Decerto que entender as edificações como sistemas de vigilância de escravizados é uma das tônicas da arqueologia da escravidão (ver síntese em Singleton 2015), e tem sido trabalhada em outros contextos do Brasil (Souza, 2007; Symanski e Gomes, 2016). A topografia da vigilância nas charqueadas pelotenses funcionava como gradiente de proximidade e distância: proximidade entre as unidades de produção e as senzalas; relativa distância da sede em relação às unidades de produção e as senzalas, assegurando o olhar esquadrihador sobre o cotidiano. Acresce a isso a presença de pelourinhos, em frente às senzalas, como no caso da charqueada São João, que conjuminavam o sistema de vigilância ao punitivo. Em síntese, as charqueadas conjugavam: políticas liberais de integração ao mundo Atlântico; estética que insuflava um pensamento liberal com *ethos* aristocrático, promovendo o ideal do gaúcho como livre, desimpedido, porém civilizado; produção do charque fundada na topografia da vigilância e no castigo.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Uma das questões centrais dos estudos em arqueologia da diáspora africana é entender como a materialidade, a disposição dos objetos e estruturas nas paisagens, funcionaram como dispositivos de controle social de escravizados e escravizadas. Se atentarmos para a materialidade da paisagem da Charqueada São João, daremos razão a Nicolau Dreys (Cf. Figura 6). Note-se que a frente da casa grande, local onde funcionavam as unidades destinadas aos escritórios da charqueada, está estrategicamente posicionada para a vigilância do cotidiano do trabalho escravizado. A partir dos escritórios, podia-se ver todas as instalações de produção do charque. As ações sociais dos escravizados podiam ser controladas regularmente.

É possível observar, ainda, que a partir das janelas da lateral da casa, se pode ver nitidamente a senzala. O cotidiano de escravizados e escravizadas, a circulação deles pelo pátio externo da casa e por outras dependências, podia, assim, ser vigiada. Outra materialidade que chama a atenção é a casa do feitor. Ela está literalmente colada, parede contra parede, à senzala. As atividades de escravizados e escravizadas podiam não apenas ser vistas. Podia-se, também, ouvir o que eles estavam fazendo no interior da senzala. Escutar seus movimentos, conversas, ruídos. Isso nos leva a concluir que um sistema de controle social, como foi a instituição da escravidão, aciona vários sentidos humanos. Procurava-se controlar não apenas com o olhar. Os ouvidos também estavam alertas para os movimentos e mobilidades de escravizados e escravizadas. Esse conjunto compõe parte da materialidade do sistema escravista: a topografia da vigilância e o cerceamento das liberdades do corpo.

Contudo, mesmo com toda a vigilância exercida, escravizados e escravizadas elaboravam seus modos de viver e resistir à escravidão. Um dos exemplos é que, apesar de toda a violência e vigilância que sofreram, não se esqueceram dos Orixás. Trouxeram-nos consigo na travessia do Atlântico. E aqui os reelaboraram. Escravizadas e escravizados da charqueada São João souberam resistir a essa vigilância e construíram suas próprias paisagens. É o que nos mostram alguns achados arqueológicos.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

## **Diáspora Africana Local**

As pesquisas de O Pampa Negro vêm sendo desenvolvidas desde o final de 2009. O projeto possibilitou a estruturação e instrumentalização de diversos trabalhos acadêmicos: na forma de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, por exemplo. Outra faceta do trabalho tem nos permitido a aproximação com diferentes segmentos da população, através da realização de parcerias junto às comunidades locais no intuito de realizarmos exposições e, assim como a efetivação de projetos específicos, de acordo com as demandas de diferentes parceiros do projeto.

A partir dessas articulações, no ano de 2016, nos foi possibilitado a aproximação com os proprietários da Charqueada São João. Esse, por sua vez, viabilizou a realização de nossas primeiras intervenções arqueológicas no sítio.

A Charqueada São João localiza-se às margens do Arroio Pelotas, porção meridional da Laguna dos Patos, município de Pelotas, Rio Grande do Sul. O sítio situa-se em região próxima ao denominado Bairro Areal, mais especificamente na chamada Estrada da Costa, possuindo um contexto de ocupação ininterrupto desde sua inauguração, no ano de 1810.

A propriedade conhecida como Charqueada São João pertenceu originalmente a Antônio Gonçalves Chaves. Conforme Gutierrez (2004), esse trabalhava como caixeiro, e casou-se com a filha de um charqueador. Depois do casamento, tornou-se vizinho de seu sogro. Passados quase meio século, quando morreu Antônio Gonçalves Chaves, seu herdeiro, filho homônimo, possuía 53 pessoas escravizadas na propriedade.

Em relação ao sítio, o primeiro trabalho arqueológico realizado no local, data do ano de 1991. Resultado de uma ação coordenada entre arquitetos e arqueólogos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). O objetivo foi o de



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

“resgatar o material arqueológico do sítio Charqueada São João” (Soares, 1994, 1), uma vez que o local vinha sendo impactado pela tentativa de construção de um loteamento residencial. Em suma, os trabalhos procuraram também viabilizar futuras pesquisas a partir do registro e documentação das evidências arqueológicas.

Em relação à pesquisa de campo, no contexto do projeto o Pampa Negro, os trabalhos constituíram-se em levantamentos, prospecções e escavações de áreas com potencial arqueológico, a partir da análise de diferentes fontes combinadas a levantamentos pedestres. Nesse sentido, na Charqueada São João, foram elaborados registros fotográficos, croquis de implantação com localização de vestígios e estruturas das áreas de concentração de materiais arqueológicos, descrições das características ambientais, bem como elaboração e registro das atividades.

Dessa forma, as metodologias empregadas nas diferentes etapas do trabalho de campo procuraram, a partir de uma abordagem organizacional, articular dados históricos, investigações de campo e análise de artefatos. Assim, inicialmente foi realizado o reconhecimento geral do contexto da Charqueada São João, por meio de análise documental, de imagens de satélite e *in loco*. Posteriormente, foi efetivado uma varredura de superfície da área de estudo, com registro sistemático de estruturas e artefatos verificados em superfície. Na sequência, a equipe consolidou duas etapas de escavação com a realização de uma trincheira de 1x10m alinhada no sentido Sul-Norte e 12 quadrículas de 1x1 ao redor da trincheira em área associada ao contexto descrito como antiga senzala doméstica da propriedade, totalizando-se 22m<sup>2</sup> de área escavada. As intervenções ocorreram entre 22 de fevereiro e 1 de abril de 2016, e entre 20 de julho e 5 de agosto do mesmo ano, sob coordenação do Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira e do Ms Alúcio Gomes Alves.

Nesse local, logo após a retirada da camada de vegetação superficial, foi verificado a existência de significativa quantidade de material construtivo, entre eles: telhas, tijolos e fragmentos diversos de cultura material dispersos, além da existência de



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

alinhamentos em alvenaria (aparentemente seguindo a mesma disposição dos vestígios remanescentes da senzala doméstica da Charqueada São João), corroborando tratarem-se de remanescentes da antiga edificação, bem como contextos de disposição materiais associados, muito possivelmente, a rituais de matriz africana.

### **Cosmologia do Ferro**

Para os ferreiros africanos, tecnologia e ritual eram inseparáveis. A produção de objetos de ferro requeria intermediação de ancestrais e espíritos. Era uma atividade prestigiosa, pois significava a continuidade da vida. Implicava manipulação de múltiplos elementos: ar, fogo, temperatura, argila, combustíveis e ferro.

Como prática tecnológica, estabelece uma ponte entre a África e os corpos e memórias nas Américas. Isso porque a memória da técnica se produz a partir das práticas rituais que foram reinventadas nos contextos americanos. Assim, como performance, a produção de objetos de ferro integra os processos identitários da diáspora africana.

A transferência dos saberes metalúrgicos não poderia ocorrer sem Ogum. Ele é artesão dos objetos de ferro, criando ferramentas para a agricultura e armas para a guerra. Ogum, portanto, é indispensável para a agricultura e para a guerra, sem as quais nenhuma comunidade se estabelece e se protege. Nos contextos americanos, Ogum tornou-se, também, um guerreiro, associando-se à subversão das condições da escravidão. Um assentamento de Ogum representa resistência à escravidão, prosperidade comunal e proteção contra doenças. É uma deidade panatlântica fundamental da persistência e da memória.

O emaranhado de ferros encontrado embaixo de uma das estruturas da senzala da Charqueada São João revela intencionalidade ligada ao sagrado. Tem sido interpretada por praticantes da Tradição de Matriz africana como um assentamento





SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

de Ogum com Bará (Exú). O ferro “poderia ser um axé central”, de acordo com a lalorixá Flávia Padilha (2018).

A evidência dessa interpretação é que o emaranhado de ferros estava junto a um cadeado (metal forjado), a uma moeda e a uma chave. A chave, como sabemos, é um dos símbolos de Bará. Outra interpretação, realizada com o *Merindilogun* (búzios) por meio de *Odú-Iká* (Oxumaré), é que a deposição de ferros é um assentamento de Azánadô. Ele visa a trazer proteção e prosperidade. Foi plantado por um homem que era iniciado ao *vodum dangbecén*. A grande quantidade do ferro é para alimentação de Dan (Eurico Pontes Nunes, Baba Kejaiye, 2017).

Em futuro próximo, o emaranho de ferros será replantado, conforme foi solicitado por divindades e pessoas. De todo modo, o enterramento dos fragmentos de ferro abaixo da estrutura da senzala liga-se à cosmologia do ferro. Nessa acepção, como materialidade, ela intermedia as relações entre humanos e não humanos.

## **Quartinha**

A quartinha é um dos objetos indispensáveis nos cultos afro-brasileiros. Embora não possamos afirmar categoricamente que tenhamos encontrado na senzala da Charqueada São João uma quartinha que foi usada em rituais, sua morfologia e dimensão coincidem com as de quartinhas tradicionalmente usadas na Umbanda e no Batuque. Historicamente, as quartinhas eram feitas de barro. O barro da quartinha, assim como nosso corpo, transpira. Daí as quartinhas serem de barro. Elas permitem que a água do seu interior evapore. Representam, assim, seres vivos na cosmologia afro-brasileira. Como objetos, assim como no caso do assentamento abaixo da estrutura da senzala, elas intermediam as relações entre humanos e não humanos, entre os coletivos humanos e as entidades espirituais. Mais uma vez, estamos diante do mundo encantado dos objetos.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

As quartinhas de barro são materialidades da diáspora africana. Remetem diretamente à África pois outros objetos, tais como louças, não eram produzidos na África. Quase todos os utensílios ligados ao culto das divindades são feitos, na sua maioria, de barro. Costuma-se fabricá-los, também, em terracota ou argila.

A quartinha que contém água significa que o lugar onde ela está é de consagração. Isso porque a água é um fator preponderante no Batuque (assim como em outras religiões afro-brasileiras, como a Umbanda). A água tem o poder de absorver, acumular ou descarregar qualquer vibração, seja benéfica ou maléfica. Ela é um signo de comunicação entre vivos e mortos.

Aos Orixás masculinos são oferecidas quartinhas de barro sem alça; às Orixás femininas, por sua vez, são oferecidas quartinhas normalmente de louça ou mesmo de barro com alça. As quartinhas também são chamadas de *Busanguê*, *Eni*, *Amoré* e outros nomes, dependendo da nação.

A quartinha que encontramos na senzala da Charqueada São João é exatamente feita de barro e possui alça. Pode estar associada, assim, a alguma divindade feminina. De todo o modo, podemos afirmar que a essa é a primeira quartinha encontrada num sítio arqueológico brasileiro.

### **Vidros lascados**

Como diz Ranajit Guha, “nenhum poder é completamente hegemônico, sobrepondo-se integralmente à vida dos grupos subalternos” (Guha 1997). Esse argumento nos leva a pensar como escravizados e escravizadas se valiam da criatividade para reinventar suas memórias ancestrais. Isso é próprio da diáspora africana nas Américas: a reinvenção de tradições e práticas aprendidas na África.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Isso pode ser observado nos fragmentos de vidros lascados que foram encontrados na senzala da Charqueada São João. Trata-se de uma prática de reciclagem: a reutilização de garrafas para a confecção de objetos. Os vidros lascados encontrados possuem um tamanho padrão. Isso indica uma técnica de produção estandardizada. O tamanho padronizado também indica clandestinidade, possivelmente em resposta à vigilância constante do cotidiano de escravizados e escravizadas.

Segundo a literatura arqueológica, os vidros lascados permitem inferir que os escravizados caçavam para complementar sua alimentação. Nessa acepção, eles representam ações cotidianas ligadas a práticas alimentares, servindo ao corte de carnes, vegetais e fibras. Podem relacionar-se, ainda, a rituais de desconjuro. Assim como a água, a transparência dos vidros servia como elemento de comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Finalmente, eles podem representar resistência cotidiana, ao serem utilizados como armas de defesa pessoal.

Dentre os fragmentos encontrados, há 6 fragmentos de artefatos, com diferentes sinais de manipulação e características funcionais. São eles: 3 cortadores, 1 raspador, 1 perfurador e 1 pingente. Eles possuem empunhadura, facilitando a manipulação. Possuem, ainda, polimentos, os quais evitam o corte das mãos e possibilitam gerar força e precisão no fio de corte. Possuem, finalmente, gumes que foram afiados mais de uma vez, por meio de técnicas de retoque por pressão e lascamento.

O pingente, de cor azul safira, lembra uma pedra preciosa e remete a usos simbólicos. É provável que tenha sido um amuleto. Segundo Cleber Vieira (2018) o pingente associa-se a *Oxóssi*, orixá da caça, das florestas e dos animais; e, conforme Eurico Pontes Nunes (Baba Kejaiye, 2018), o pingente liga-se a *Oxum*, Orixá das águas doces. Mais uma vez, estamos diante de objetos situados na interface entre humanos e não humanos.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

**“Isso aqui não é um cachimbo...é o destino de uma pessoa”**

Para os estudos arqueológicos sobre diáspora africana, os cachimbos são artefatos fundamentais. Eles permitem a comparação entre os cachimbos produzidos por escravizados na América e aqueles confeccionados em várias regiões da África, especialmente a África Ocidental e Atlântica. Eles, desse modo, possibilitam entender as cosmologias e os processos de constituição e transformação de identidades culturais de grupos escravizados.

No tocante aos cachimbos utilizados por escravizados no Brasil, há duas tecnologias de confecção: os fabricados em moldes e as peças modeladas. No primeiro caso, trata-se do uso de moldes para a produção industrial de cachimbos; são, portanto, cachimbos padronizados, feitos em série; no segundo caso, o artefato é elaborado por gestos individuais, à mão, de forma personalizada.

Os fragmentos de cachimbo encontrados durante as duas campanhas arqueológicas de 2016 na Charqueada São João possuem ambas as técnicas e suas decorações têm motivos únicos. Isto aponta para o caráter personalizado desses artefatos. Dentre seus usos possíveis, destacamos: o hábito de fumar associado ao lazer; o cachimbo como marcador simbólico da identidade cultural do usuário; sua utilização em contextos rituais.

Assim, as marcas ou desenhos que aparecem nos cachimbos são signos culturais. Manoel Francisco Pereira, filho de Ogum filiado ao Batuque, assim interpreta um dos cachimbos encontrados na Charqueada São João:

Um símbolo africano de um jogo de Ópelé. Eles jogavam no chão, e os sinais que apareciam eles desenhavam no chão. Depois eles botavam no cachimbo e também tatuavam na pele. Cada pessoa tem o seu Odú, o seu Odú é, resumindo, o nosso



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

destino. Isso aqui não seria um cachimbo, mas o destino de uma pessoa (Manoel Francisco Ferreira 2018)

Como se pode ver na interpretação de Manoel Francisco Pereira, os objetos de escravizados e escravizados não eram meros itens utilitários. Eram índices das relações entre humanos e não humanos, entre os vivos e os mortos. Um objeto contava – e ainda nos conta – o destino de alguém.

### **Considerações finais**

Mencionamos anteriormente alguns pilares fundantes das dinâmicas modernas do mundo Atlântico: escravidão, liberalismo e capitalismo. Nosso próprio olhar de colonizados, sobretudo o da branquitude herdeira dos privilégios dos senhores e que ainda domina os espaços de produção de conhecimento oficial, impregnado de uma perspectiva epistemocida, geralmente nos cegam para o processo de colonialidade que configura o capitalismo em todo planeta (Quijano, 2005). Assumir que o triunfo de um sistema capitalista global é possível pela relação do triângulo do Atlântico e da exploração econômica de alguns sujeitos sobre outros. A análise crítica da categoria de raça, portanto, deve ser premissa para interpretarmos nossa realidade brasileira e (re) escrevermos histórias.

Nesse sentido, deslocando nossa perspectiva de constituição social da régua europeia e pintando o quadro da diáspora africana, até muito recentemente invisibilizado, a fim de construir uma identidade nacional branca e masculina, significa compreender processos de atualização do racismo colonial. E, por consequência, apostar com mais ênfase na necessária articulação das pesquisas acadêmicas com movimentos sociais e outras epistemologias.

No *Pampa Negro*, temos buscado articulações entre arqueologia e arte, religiosidade, movimentos sociais. A cidade que erigiu opulência e fortunas às custas do sangue



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

escravizado é a mesma que enfrenta um processo maior de mercantilização da vida e gentrificação pelas construtoras, que tentam elitizar a cidade desalojando pessoas e agudizando a segregação entre centro e periferias. A mesma lógica de relações de compadrio sustenta as oligarquias políticas que impõem desmandos e alimentam desigualdades com marcadores de gênero, raça e classe em todas as esferas da sociedade.

Assim, entendendo que os movimentos sociais alteram memórias e nos confrontam com o dever de reparação histórica, esperamos que esse trabalho coletivo, aberto, em construção, seja contribuição para a luta antirracista através da arqueologia e para as resistências necessárias, bem como um aporte à construção de identidade(s) afro latino americanas.

## REFERÊNCIAS

DREYS, N. [1839] 1990. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre, EDIPUCRS.

GOMES COELHO, R. A da Graça. 2017. *Sensorial Regime of "Second Slavery": Landscape of Enslavement in the Paraíba Valley (Rio de Janeiro, Brazil)*. Binghamton, Department of Anthropology, Binghamton University (Dissertation Thesis).

GRAHAM, R. 2013. *Alimentar a Cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal*. São Paulo, Companhia das Letras.

GRANDIN, G. 2014. *O Império da Necessidade: escravatura, liberdade e ilusão no Novo Mundo*. Rio de Janeiro, Rocco.

GUHA, R. 1997. 997. *Dominance Without Hegemony: History and Power in Colonial India*. Cambridge: Harvard U. P.

GUTIERREZ, Ester J. B. *Pelotas: palco da manufatura escravista das carnes na fronteira meridional do Brasil*. Monografia de Especialização. Curso Internacional de Especialização: Gestão do patrimônio cultural integrado ao planejamento urbano da América Latina, UFPe. Pelotas, 2004.

JOHNSON, W. 2013. *River and Dark Dreams: Slavery and Empire in the Cotton Kingdom*. Cambridge, Harvard University Press.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

LEONE, M. P; POTTER, P. (eds.) 1999. *Historical Archaeologies of Capitalism*. New York, Kluwer Academic Plenum.

LEONE, M. P; KNAUF, J. E. 2015. Introduction to Historical Archaeologies of Capitalism, Second Edition. In: Leone, M. P; Knauf, J. E. (eds.). *Historical Archaeologies of Capitalism*. New York, Springer, pp. 3-24.

LINEBAUGH, P; REDIKER, M. 2008. *A Hidra de Muitas Cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo, Companhia das Letras.

MAESTRI, Mário. 1984. *O Escravo no Rio Grande do Sul. A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho*. EST/Porto Alegre; UCS/ Caxias do Sul.

MAESTRI, M. 1994. Escravidão Gaúcha: novos estudos. Um depoimento pessoal. In: FLORES, M. (ed.). *Negros e Índios: literatura e história*. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 179-190.

MINTZ, S. 1985. *Sweetness and Power: The Place of Sugar in Modern History*. New York, Viking.

QUIJANO, A. 2005 Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro.

REIS, J. A. dos; MACHADO, M. B. P; MARQUES, O. L. 2009. Identidades, Diásporas e hibridismos: arqueologia histórica e imigração italiana no sul do Brasil: experiências, experimentos (Caxias do Sul/RS – século XIX). *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, (3): 1, 47-98.

RODRIGUES, J. H. 1961. *Brasil e África: Outros Horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SANTANA, A. M. 2015. A Circulação de Mercadorias no Contexto do Sistema Escravista: Uma Abordagem de Arqueologia Documental do Jornal Diário de Pelotas (1876-1888). Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Curso de Bacharelado em Antropologia.

SINGLETON, T. 2015. Nineteenth-Century Built Landscape of Plantation Slavery in Comparative Perspective. In: Marshall, L. W. (ed.). *The Archaeology of Slavery: A Comparative Approach to Captivity and Coercion*. Carbondale, Southern Illinois University Press, pp. 93-115.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

SOARES, A. L. R. Relatório de Salvamento Arqueológico do Sítio “Charqueada São João”. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pós-Graduação em História, Área de Concentração em Arqueologia, Disciplina de Seminário de Arqueologia Histórica Europeia e Americana, 1994.

SOUZA, M. A. T. de. 2007. Uma Outra Escravidão: a paisagem social no Engenho de São Joaquim, Goiás. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, (1): 1, 59-92.

SYMANSKI, L. C. P; GOMES, F. S. 2016. Iron Cosmology, Slavery, and Social Control: the materiality of rebellion in the coffee plantations of the Paraíba Valley, southeastern Brazil. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, (5): 174-197.

WILLIAMS, E. [1947]. 2012. *Capitalismo e Escravidão*. São Paulo, Companhia das Letras.